

COMO FALAR COM UM NEGACIONISTA

LEE MCINTYRE

Tradução de Ester Cortesano

 **DESASSOSSEGO**
LIVROS PARA PENSAR

Para o Dr. Mohamad Ezzedine Allaf
Um curandeiro

Um homem com uma convicção é um homem difícil de mudar. Diga-lhe que discorda e ele vira-lhe as costas. Mostre-lhe factos e números e ele questiona as suas fontes. Apele para a lógica e ele não consegue vê-la.

— Leon Festinger, *When Prophecy Fails* (1956)

É mais fácil enganar as pessoas do que convencê-las de que foram enganadas.

— (citação atribuída a) Mark Twain

ÍNDICE



Introdução • 13

1

O que aprendi na convenção de terraplanistas • 21

2

O que é o negacionismo? • 59

3

Como fazer alguém mudar de ideias? • 89

4

Encontros com as alterações climáticas • 115

5

Canário na mina de carvão • 143

6

Organismos geneticamente modificados:
existe um negacionismo liberal? • 165

7

Conversar com confiança • 189

8

Coronavírus e o caminho na nossa frente • 219

Epílogo • 243

Agradecimentos • 249

Notas • 251

Bibliografia • 293

INTRODUÇÃO



Tenho de admitir, hesitei quando enfiei ao pescoço a fita que tinha recebido de uma sorridente jovem de bata branca ao balcão de recepção da Conferência Internacional da Terra Plana 2018. Perguntei-me se alguém me reconheceria — aquela pessoa ali, estaria a tirar fotografias? Mas, enfim, porque haveriam de me reconhecer? Tinha passado os últimos quinze anos sentado no meu gabinete a estudar negacionismo. Com a minha camisa de xadrez e a minha fita ao pescoço, parecia-me com todos os outros à minha volta. Era o «manto de invisibilidade» de que necessitava para trabalhar como filósofo da ciência ali infiltrado, pelo menos nas primeiras vinte e quatro horas.

A seguir a isso, estaria pronto para agir...

De repente, senti uma mão no ombro e virei-me para deparar com um homem de *T-shirt* preta, a sorrir-me, de mão estendida. A sua *T-shirt* dizia «A NASA MENTE».

— Olá, bem-vindo, Lee — cumprimentou. — Conte-me lá, como é que chegou à Terra Plana?

Há uma série de anos que se verifica — pelo menos nos Estados Unidos — que a verdade se tornou alvo de ataque. Os nossos concidadãos parecem

ter deixado de ouvir os factos. Os sentimentos superam as evidências*, e a ideologia encontra-se em ascensão. Num livro anterior, explorei a questão da possibilidade de vivermos numa era «pós-verdade», onde os factos e até mesmo a realidade podem ser discutidos... e quais poderão ser as consequências disso.¹ Descobri nessa altura que as raízes da moderna «negação da realidade» remontam ao problema do «negacionismo», que tem fermentado neste país desde a década de 1950, quando as grandes tabaqueiras contrataram um especialista em relações públicas para os ajudar a combater a descoberta científica de que o fumo estava associado ao cancro do pulmão.² Este esquema tornou-se um modelo para a forma de elaborar uma bem-sucedida campanha de desinformação contra qualquer tema que se deseje — evolução, vacinas, alterações climáticas —, sendo o resultado a forma como vivemos hoje numa sociedade onde duas pessoas podem olhar para a mesma fotografia de uma investidura de um presidente e chegar a conclusões opostas a respeito da quantidade de pessoas ali presentes.³

A confusão política em Washington continuará ainda durante algum tempo. Mas a crise em torno da ciência é já uma emergência. Um relatório recente do Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas (IPCC) das Nações Unidas avisa que atingimos um ponto crítico.⁴ Os efeitos do aquecimento global estão a acontecer muito mais depressa do que o esperado, e muitos países já falharam os seus objetivos para o Acordo de Paris sobre o clima. As calotas polares podem derreter até 2030; os recifes de coral podem desaparecer por volta de 2040; os níveis do mar em Nova Iorque e Boston podem subir até um metro e meio antes do final do século.⁵ Há alguns anos, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, avisou que «se não mudarmos de rumo até 2020, arriscamo-nos a falhar o ponto a partir do qual as alterações climáticas serão irreversíveis».⁶ Entretanto, no momento em que escrevo este livro, o negacionista supremo na Casa Branca continua a promover a fantasia de que os cientistas climáticos têm uma «agenda política» e que mesmo que as alterações climáticas estejam a ocorrer, não são comprovadamente

* Em inglês «*evidence*». Apesar de esta palavra ser geralmente traduzida em português por «prova», neste livro é feita uma importante distinção (que será explicitada mais tarde) entre «prova» e «evidência» em termos científicos. (*N. de T.*)

«causadas pelo homem» e podem «muito bem retroceder».⁷ Infelizmente, milhões concordam com ele.

Como chegar a essas pessoas? Como conseguir que elas mudem de opinião com base nos factos? Já se tem argumentado que isso é impossível. De facto, há quem tenha dito que tentar fazer isso teria um efeito de ricochete, que procurar fazê-las recuar nas suas crenças erradas só tornará os problemas ainda piores.⁸ Isto conduziu a várias discussões acaloradas em artigos como «This Article Won't Change Your Mind» (*Atlantic*) e «Why Facts Don't Change Our Minds» (*New Yorker*).⁹ Mas esta mentalidade é problemática, porque, nos últimos anos, novas pesquisas têm demonstrado que o efeito de ricochete original não pode ser reproduzido.¹⁰ Sim, as pessoas são teimosas e resistem à ideia de mudar as suas crenças com base nos factos, mas, para a maioria, a mudança é *possível*. E, se não tentarmos, as coisas só vão piorar.

Em junho de 2019, um estudo pioneiro publicado na revista *Nature Human Behaviour* resultou num desenvolvimento empolgante, ao fornecer a primeira evidência empírica de que é possível combater os negacionistas.¹¹ Numa elegante experiência *online*, dois investigadores alemães — Philipp Schmid e Cornelia Betsch — mostraram que a pior coisa que se pode fazer é *não* reagir, porque nessa altura a desinformação espalha-se. O estudo considerava duas estratégias possíveis. Primeiro, há a refutação de conteúdos, que é quando um especialista confronta os negacionistas com os factos da ciência. Apresentado da maneira certa, isto pode ser muito eficaz. Mas existe uma segunda estratégia, menos conhecida, chamada refutação técnica, que se baseia na ideia de que existem cinco erros de raciocínio comuns em *todos* estes negacionistas. E o mais surpreendente é que ambas as estratégias são igualmente eficazes e não têm qualquer efeito cumulativo, o que significa que *qualquer pessoa* pode combater um negacionista! Não precisa de ser cientista para o fazer. Uma vez estudados os erros que são comuns aos seus argumentos — confiança em teorias da conspiração, escolha de factos mais vantajosos, confiança em falsos peritos, estabelecimento de expectativas impossíveis para a ciência e uso de argumentos ilógicos —, terá a chave secreta que lhe oferecerá uma estratégia universal para combater todas as formas de negacionismo.¹²

Infelizmente, há um ponto crucial que Schmid e Betsch não

contemplaram. Existem, essencialmente, três tipos de envolvimento com negacionistas: inoculação, intervenção e reversão da crença. Schmid e Betsch lidaram apenas com as duas primeiras.¹³ Num comentário positivo que saiu no mesmo número de *Nature Human Behaviour*, Sander van der Linden explica que a metodologia de Schmid e Betsch pode ser útil para uma pré-identificação das técnicas fraudulentas utilizadas pelos negacionistas, numa tentativa de «refutação preventiva», para que o seu impacto sobre um potencial público seja mitigado. Em segundo lugar, Schmid e Betsch demonstram que mesmo quando os participantes foram recentemente expostos a desinformação científica, é eficaz intervir de imediato e explicar-lhes os enganos de raciocínio, antes que as crenças erradas tenham tempo de se cimentar. Tanto a refutação preventiva como a posterior são ferramentas potencialmente poderosas, conforme provado pelos resultados do seu estudo. O que os investigadores não fizeram, porém, foi *medir a possibilidade de fazer retroceder as crenças de arreigados negacionistas*, em especial aqueles que já foram expostos a anos de desinformação científica. Schmid e Betsch (e Van der Linden) lidaram brilhantemente com o *público* de negacionistas... mas que dizer dos que já eram empenhados negacionistas antes de participarem no estudo?

Aqui, infelizmente, a literatura empírica deixa-nos à deriva. Relatos episódicos têm sugerido que a melhor maneira de convencer alguém a mudar as suas crenças é através de uma abordagem direta pessoal — mas o estudo de Schmid e Betsch foi todo feito *online*. Ainda assim, não fará sentido que, se estamos a tentar convencer as pessoas a mudar de ideias, ajudaria construir primeiro uma base de confiança? A maior parte das crenças são formadas dentro de um contexto social (e não unicamente com base em factos), por isso não deveria o contexto social importar igualmente para a sua mudança?

No seu importante ensaio «How to Convince Someone When Facts Fail», o céptico profissional e historiador da ciência Michael Shermer recomenda a estratégia seguinte:

Pela minha experiência, (1) exclua as emoções da conversa, (2) discuta, não ataque (*nem ad hominem nem ad Hitlerum*), (3) ouça com atenção e tente articular a outra posição de forma precisa,

(4) demonstre respeito, (5) reconheça que compreende porque alguém pode ter aquela opinião, e (6) tente mostrar como mudar os factos não significa necessariamente mudar as perspetivas do mundo.¹⁴

Se ouvir as histórias de negacionistas que alteraram as suas crenças, eles relatam universalmente a influência positiva de alguém em quem confiam. Alguém que desenvolveu uma relação pessoal com eles e levou as suas dúvidas a sério, para depois partilhar as evidências. Os factos por si só não bastam. Em dois relatórios recentes sobre o combate à negação das vacinas, ex-antivacinas (ou pelo menos aqueles que eram hesitantes a respeito das vacinas) relatam ter mudado de ideias por influência de pessoas que se sentaram com eles, ouviram todas as suas questões e lhes explicaram as respostas com ampla paciência e respeito. Durante a epidemia de sarampo de 2019 em Clark County, Washington, o governo estatal enviou agentes de saúde pública para se «reunirem com pais em pequenos grupos ou um a um, por vezes durante horas, para responder às suas perguntas». Em resultado disso, uma mulher relatou ter «mudado de ideias, decidindo dar aos filhos as vacinas depois de um médico num *workshop* sobre vacinas ter respondido às suas perguntas durante mais de duas horas e até desenhado diagramas num quadro branco para lhe explicar a interação celular. Ele tinha sido atencioso, factual e também «muito caloroso», disse ela.¹⁵

Noutro relato, um residente na Carolina do Sul escreveu acerca da sua própria conversa sobre as vacinas, num editorial do *Washington Post* intitulado «Já Me Opus às Vacinas. Foi Assim que Mudei de Ideias»:

As minhas razões para ser contra as vacinas originavam-se principalmente no facto de não compreender os ingredientes das vacinas e como funcionavam. As pessoas que me tentavam convencer a não me vacinar falaram-me dos muitos ingredientes nas vacinas, tais como os sais de alumínio, polisorbato 80 e formaldeído, mas não explicaram o objetivo destes ingredientes... O que é que me fez mudar de ideias? Foi descobrir um grupo de pessoas que estavam fortemente a favor das vacinas e dispostas

a discutir o assunto comigo. Conseguiram corrigir todas as informações erradas que eu tinha ouvido e responderam às minhas preocupações com pesquisa credível e outra informação útil.¹⁶

Sobre o tópico das alterações climáticas, encontramos episódios semelhantes, incluindo o notável relato de um empedernido político republicano, Jim Bridenstine, a quem o presidente Trump nomeou administrador da NASA, que mudou de ideias a respeito do aquecimento global ao fim de umas poucas semanas no seu novo emprego. Em 2013, Bridenstine tinha feito um discurso na Câmara dos Representantes em que alegara erradamente que «as temperaturas globais tinham parado de subir há dez anos». Agora diz: «Acredito totalmente e sei que o clima está a mudar. Também sei que nós, humanos, estamos a contribuir grandemente para isso. O dióxido de carbono é um gás de efeito de estufa. Estamos a despejá-lo na atmosfera em volumes nunca vistos, e esse gás de efeito de estufa está a aquecer o planeta. Isso está definitivamente a acontecer, e somos nós os responsáveis.» O que o fez mudar de ideias? Para começar, ele diz que «leu muito». Mas fê-lo rodeado pelos novos colegas na NASA — onde «ouviu muitos especialistas» e em pouco tempo concluiu que «não havia razão para duvidar da cientificidade» das alterações climáticas.¹⁷

Respeito, verdade, simpatia, envolvimento. Estes são pontos comuns a estes relatos na primeira pessoa. O estudo de Schmid e Betsch oferece-nos importantes evidências experimentais sobre as melhores estratégias para se lidar com negacionistas. Mas para quem e em que contexto social? Schmid e Betsch é um estudo de charneira, mas deixa talvez em aberto a questão mais intrigante no debate do negacionismo: podemos fazer com que até os mais arreigados negacionistas mudem de ideias, e, em caso afirmativo, de que maneira?

Passei anos a estudar o problema do negacionismo e a tentar perceber qual seria a melhor forma de o combater. Usava a refutação de conteúdo e refutação técnica muito antes de Schmid e Betsch as estudarem. Mas o problema é que — no mundo real, cara a cara — temos muitas vezes de lidar não com o público dos negacionistas, mas com os mais obstinados

dos negacionistas científicos. Aqui, não se trata de os inocular contra a desinformação, nem de intervir antes que esta se solidifique. As suas crenças foram já formadas por anos de ideologia mal informada, e muitas vezes está em jogo a sua própria identidade. Também *esses* podem mudar de ideias?

No meu livro mais recente, *The Scientific Attitude: Defending Science from Denial, Fraud, and Pseudoscience* (MIT Press, 2019), desenvolvi uma teoria do que é mais especial na ciência e delineei uma estratégia para usar isto para defender a ciência dos seus críticos. Na minha perspetiva, o que há de mais especial na ciência não é a sua lógica ou método, mas os seus valores e práticas — que são extremamente relevantes para o seu contexto social. Em resumo, os cientistas garantem a honestidade uns dos outros ao verificarem constantemente o trabalho dos colegas à luz das evidências e mudando de ideias sempre que surgem novas evidências. Mas o público em geral compreende isto? E, mesmo que compreendam, como pomos em prática essa compreensão?

Durante a digressão que fiz para promover o meu livro anterior, *Post-Truth* — e em antecipação do *The Scientific Attitude* (que estava ainda, na altura, em preparação) —, ouvia muitas vezes o público perguntar-me como podiam combater os negacionistas da verdade. O que podiam dizer para os fazer mudar as suas crenças? O meu conselho era que se envolvessem diretamente. Que conversassem com as pessoas frente a frente, sobre a atitude científica e a importância da razão. Que não deixassem as pessoas poderem continuar impunemente a desprezar a importância das evidências, em resultado das suas visões profundamente mal informadas a respeito de como a ciência funcionava.

Depois pensei: porque não estava eu próprio a fazer isso?

Valia a pena tentar. Mesmo que não conseguisse convencer nenhum negacionista arreigado a desistir das suas crenças, podia ao menos ter algum efeito sobre o seu público. E se conseguisse canalizar as competências de argumentação persuasiva que tinha aprendido enquanto filósofo, talvez pudesse também fazer alguma moessa nas alegações dos negacionistas quando dizem que *eles* é que estão a seguir a ciência. Que são céticos, não negacionistas. Mesmo que não os conseguisse convencer com evidências, podia mostrar-lhes que as suas capacidades de argumentação não são tão

boas quanto julgam. Foi então que pensei escrever o livro que tem agora nas suas mãos.

Assim, em novembro de 2018, dei por mim no salão de baile do Crowne Plaza Hotel em Denver, no Colorado, rodeado por seiscentos verdadeiros crentes aos gritos e aplausos na Conferência Internacional da Terra Plana. Era estranho ver-me sozinho na minha crença de que Aristarco e Copérnico há muito tinham resolvido a questão a respeito de a Terra ser um globo. Mas depois de tantos anos a estudar negacionismo a partir da minha secretária, ali estava agora, na barriga da besta, com aqueles que eram talvez os mais injuriados dos negacionistas no planeta (perdão... no mundo). Porque comecei pela Terra Plana? Porque queria escolher os piores dos piores. Confrontar o tipo de negacionistas de que até os outros negacionistas fazem troça.

Pensei que se conseguisse estudar o caso mais elementar de negacionismo, talvez pudesse aprender a conversar com outros — como os cétricos das alterações climáticas — cujas visões poderiam parecer mais moderadas e matizadas. No fundo da minha mente, também pensei que talvez as estratégias de argumentação para todos os negacionistas pudessem ser as mesmas, e que quaisquer manobras argumentativas que usasse com os crentes na Terra Plana podiam funcionar também nos negacionistas das alterações climáticas.

Mal sabia eu o que me esperava...

1

O QUE APRENDI NA CONVENÇÃO DE TERRAPLANISTAS



É inacreditável, mas é verdade: a teoria da Terra Plana está de volta. Embora os conhecimentos científicos básicos que demonstram a curvatura da Terra tenham mais de dois mil anos — e estejam disponíveis para qualquer aluno de Física da escola secundária —, encontram-se agora numerosos grupos de reuniões de terraplanistas em várias cidades, ouvem-se as suas ideias proclamadas por celebridades como o *rapper* B.o.B.¹⁸ ou os jogadores da NBA Kyrie Irving¹⁹ e Wilson Chandler, e pode-se até assistir a uma convenção Terra Plana como aquela em que estive — Conferência Internacional da Terra Plana (FEIC, 2018) —, em Denver.

Primeira pergunta. Estas pessoas estão a falar a sério? Sim, completamente. Acreditar na Terra Plana não é algo a que se adira de ânimo leve, já que os terraplanistas são frequentemente perseguidos pelas suas ideias. Muitos relatam ter perdido os empregos, sido expulsos das suas igrejas ou ostracizados pelas suas famílias. Será de admirar que muitos optem por manter as suas crenças em segredo? Por esta razão, é quase impossível saber quantos terraplanistas existem efetivamente.²⁰ Talvez isto explique a atmosfera de celebração que testemunhei na FEIC 2018, onde perfeitos desconhecidos se cumprimentavam uns aos outros como velhos amigos.

Numa das primeiras apresentações na abertura da conferência, um orador lançou o mantra «Não tenho vergonha», tendo sido recebido por um clamoroso aplauso. Alguns entre o público tinham lágrimas nos olhos enquanto repetiam a frase para si mesmos: aparentemente, também não tinham vergonha. Ser insultado, ridicularizado e posto de parte pelas suas ideias não é uma experiência divertida. Penso nisto sempre que ouço alguém a falar dos terraplanistas como idiotas ou brincalhões. Quem suportaria isto só por brincadeira? Talvez eu seja simplesmente um crédulo, mas, durante o tempo que passei na FEIC 2018, não conheci uma única pessoa que parecesse outra coisa que não profundamente arreigada às suas crenças. Com efeito, era isso, provavelmente, que tornava a reunião tão importante para os seus participantes. Para além de mim e de alguns jornalistas que estavam ali a cobrir o evento, o FEIC parecia uma reunião de avivamento espiritual para pessoas inadaptadas que tinham finalmente encontrado os seus semelhantes.

Enquanto olhava em volta do salão de baile, o que mais me impressionou foi que, se não se soubesse o tema do evento, ninguém o poderia adivinhar. Toda a gente parecia tão «normal». Não havia nenhum chapéu de alumínio à vista. Homens e mulheres, jovens e idosos, multirraciais, de todos os quadrantes da vida.²¹ O que vi foi muitas *T-shirts* pretas (algumas com logotipos engraçados), mas nada mais que indicasse que se tratava de um grupo de pessoas à margem da sociedade. Se se desviasse o olhar dos três enormes ecrãs multimédia na frente do salão, poder-se-ia pensar que se estava à espera da banda de abertura de um concerto dos Metallica. Com a minha camisa descontraída e as calças de ganga, estava bem integrado.

Sentei-me quase na frente, ao lado de um casal da minha idade que disse ser de Paradise, na Califórnia. Isto passava-se poucos meses depois dos incêndios mortais que ali grassaram, por isso perguntei se tinham ficado bem. O homem respondeu:

— Bem, a nossa casa ardeu totalmente. Não podemos voltar para casa. E ainda não tivemos notícias da mãe da minha mulher. Era idosa e tinha demência. Pode ter morrido.

Fiquei aterrado. Olhei discretamente para a mulher dele, mas não lhe vi qualquer reação. No meio daquela situação, tinham carregado

a carrinha e partido para Denver para uma convenção de Terra Plana? Expressei a minha solidariedade e continuámos a falar sobre os incêndios; o homem contou que pensava que o governo tinha andado a pôr acelerante nos incêndios: tinha visto trilhos de químicos no céu antes disso. A mulher contribuiu:

— Eu só acho que há alguma coisa muito estranha nesses incêndios, a maneira como eram isolados e depois se juntaram todos...

Atrás de nós estava sentada uma senhora com o seu filho de seis ou sete anos com um caderno de espiral que dizia «Estudo Bíblico». Depois o espetáculo começou.

Após um vibrante número musical, o discurso de abertura foi proferido por Robbie Davidson, o organizador do evento, que contou que tinha sido um «globalista», mas fora depois convertido à Terra Plana quando se encontrava a tentar refutá-la. Ele não era contra a ciência, explicou, apenas contra o «cientismo». Mas «a verdade vos libertará!». Naquele ponto, o casal de Paradise levantou-se de um pulo e gritou «Louvado seja o Senhor», enquanto o resto da multidão irrompeu num aplauso. Eu fiquei ali sentado, só a tomar notas. Quando se sentaram, o casal olhou para mim. Robbie estava agora a frisar — pensei que principalmente para a imprensa — que aquela reunião não tinha qualquer afiliação com a Sociedade Terra Plana. Começou a ridicularizar aquele grupo por acreditar que a Terra era um «disco voador» no espaço.²² Implorou a quaisquer cétricos entre o público para que, se fossem ridicularizar aquele grupo, o fizessem com uma compreensão do que eles realmente acreditavam. Que ficassem durante toda a conferência. Que fizessem as suas próprias pesquisas. Há séculos que a ciência tem tido domínio sobre as nossas crenças cosmológicas, disse, «mas os alicerces estão a ruir!». E a multidão voltou a enlouquecer.

Nem todos os eventos eram discursos. Para além do *rapper* que entusiasmou o público, havia um vídeo do Flat Earth Man, um aspirante a estrela de *rock* que toda a gente na audiência parecia já conhecer. O seu vídeo «Space Is Fake» foi bem recebido (e bem feito), e mostrava toda a espécie de imagens disparatadas feitas com Photoshop, aparentemente para reforçar a mensagem de que se ele conseguia falsificar fotografias, também o governo o podia fazer. A maioria das piadas era sobre a NASA. Aqui fiquei a saber que praticamente todos os terraplanistas acreditam que todas

as fotos da Terra tiradas do espaço são falsas, que nunca aterrámos na Lua, e que todos os funcionários da NASA — juntamente com milhões de outras pessoas — estão «por dentro da conspiração» para ocultar a verdade divina de que a Terra é plana. Aqueles que ainda não eram terraplanistas ou faziam parte da conspiração ou eram ovelhas. Para levar a questão um pouco mais longe, o vídeo indicava que se contassem os lugares das letras no alfabeto de «National Aeronautics and Space Administration», o resultado era 666.

Depois do vídeo, pedi ao homem de Paradise para me explicar quem se encontrava por detrás de tudo aquilo. Ele sabia que eu era um novato, por isso talvez ainda não tivesse estragado o meu disfarce.²³ Ele respondeu: «O adversário.» Insisti: «O Diabo?» Ele então explicou que o Diabo auxilia os que estão no poder, e isso inclui todos os líderes mundiais: cada chefe de Estado, astronautas, cientistas, professores, pilotos de linhas aéreas, e muitos outros que eram recompensados pelo Diabo por guardarem o segredo da Terra Plana.²⁴ Depois explicou: «Tudo isto vem na Bíblia.» Não podia ter havido um dilúvio no tempo de Noé se a terra fosse redonda, opinou.²⁵

Ao longo das quarenta e oito horas seguintes ouvi coisas semelhantes de muitas outras pessoas, coisas que eram largamente uma combinação de física absurda misturada com fundamentalismo cristão.²⁶ O que me impressionou, porém, foi que, embora a maior parte dos participantes parecesse ter ideias religiosas profundamente arraigadas, eles *não* baseavam as suas crenças na fé. Em vez disso, alegavam que as suas crenças se baseavam em *evidências*, tanto a favor da Terra Plana como contra a hipótese «globalista». Encorajavam os participantes a fazerem as suas próprias experiências.²⁷ De facto, o grande objetivo da conferência, tinha dito Robbie, era apresentar material para efeitos «educacionais». «Não acreditam em nada unicamente com base na autoridade» era um mote comum. De facto, vários oradores incentivaram o público a não acreditar no que *eles* diziam só porque o tinham dito, mas para o usarem como um trampolim para fazerem as suas próprias pesquisas.

É assim, aparentemente, que muitos terraplanistas se convertem. Mais do que uma vez ouvi alguém dizer que era anteriormente crente na Terra global — alguém para o qual a palavra pejorativa (que eram encorajados a

não usar) era «globaltrasado» — e que tinha tentado refutar a Terra Plana mas *não conseguira*, por isso concluíra que tinha de ser verdade. «Tenham cuidado, já fomos como vocês», avisou um orador. Enquanto tentavam provar que a Terra Plana era uma fraude — usualmente depois de verem uma série de vídeos no YouTube —, muitos, em vez disso, tinham-se convencido de que tinha de ser verdade. De facto, se os terraplanistas têm um método, parece ser este: se não conseguem provar que a Terra é redonda, então tem de se acreditar que é plana.²⁸ E não os incomodava nada que a maior parte da sua «investigação» consistisse em ver vídeos na Internet. Com efeito, de acordo com Asheley Landrum, uma psicóloga da Texas Tech que estudou terraplanistas, o YouTube é o caminho de entrada de praticamente *todos* os novos recrutas da Terra Plana.²⁹

Todos os terraplanistas desconfiam profundamente da autoridade — e acreditam na experiência sensorial em primeira mão. E o seu padrão de crença é a *prova**. Na sua epistemologia, questionar-se uma crença é suficiente para concluir que ela tem de ser falsa. Mas que dizer das suas próprias crenças? Num grupo tão cético como o dos terraplanistas, é curioso que não seja aplicado qualquer verdadeiro escrutínio à base das suas *próprias* crenças. Se alguém lhes pede *a eles* uma prova de que a Terra é plana, normalmente devolvem o ónus da prova ao globalista. A escolha é binária. Se não conseguirmos provar que a Terra é redonda — perante as suas paranoicas suspeitas de distorção ou fraude a respeito de qualquer prova que oferecermos —, então ela tem de ser plana.

Também é curioso que, para um sistema de crenças que pretende ser baseado em provas e experiências, a maior parte dos terraplanistas descreva a sua conversão como um momento de revelação. Um dia acordaram e perceberam que existe uma conspiração mundial orquestrada por gente que lhes andou a mentir. Num momento em que estavam dispostos a questionar a extensão da fraude, a Terra Plana encontrava-se ao fundo da toca do coelho. «Confia nos teus olhos», torna-se o seu mantra. «A água é plana.» «O espaço é falso.» «Se um governo te pode mentir a respeito do 11 de Setembro e a chegada à Lua, também te pode mentir sobre a Terra Plana.» Todos os terraplanistas descrevem a sua conversão como uma experiência quase mística, em que um dia «tomaram o comprimido

* Em inglês, *proof*. (N. de T.)

vermelho» (e, sim, eles adoram o filme *Matrix*) e perceberam uma verdade para a qual o resto das pessoas tem estado cega a vida toda, em resultado da nossa educação deficiente e doutrinação: a Terra é plana.

O que significa isto? Em que é que eles acreditam efetivamente? Não só que a Terra é plana, mas que o continente da Antártida não é, na realidade, um continente de todo, mas uma parede de gelo que se estende ao longo do perímetro da Terra (que é o que impede a água de cair) e que tudo isto está coberto por uma cúpula transparente, encontrando-se o Sol, a Lua, os planetas e as estrelas (que estão muito perto) do lado de fora. Claro, isto significa que toda a viagem espacial é forjada (pois como poderiam eles passar pela cúpula?). E significa que a Terra não tem movimento de rotação nem de translação (pois, se tivesse, não sentiríamos?).

Declarar isto suscita de imediato uma série de perguntas:

O que significa isto para a gravidade, as constelações, os fusos horários, os eclipses? E o que raio existe *debaixo* da Terra Plana, já agora? Os terraplanistas adoram este tipo de perguntas e têm uma resposta para todas elas — embora por vezes as respostas variem de pessoa para pessoa, e esta conferência é justamente sobre isto.³⁰

Quem poderia esconder um tal segredo? O governo, a NASA, os pilotos de aviação, e outros.

Quem os obrigaria a isso? «O adversário» (o Diabo), que os recompensa principescamente por ocultarem a verdade do Senhor.

Porque é que os outros não percebem a verdade? Porque foram enganados.

Qual é o benefício de se acreditar na Terra Plana? É a verdade! E é consistente com a Bíblia.

E que dizer das provas científicas que atestam que a Terra é redonda? São todas erradas, e é sobre isto esta conferência.

Passar dois dias a ouvir seminários com títulos como «Caça-Globos», «Terra Plana com o Método Científico», «Ativismo Terra Plana», «NASA e Outras Mentiras Espaciais», «Mais de 14 Maneiras de a Bíblia Dizer

Terra Plana» e «Falar com a Família e Amigos Sobre a Terra Plana» é, em alguns sentidos, passar dois dias num manicómio. Os argumentos eram absurdos mas complexos, e não fáceis de seguir, em especial para quem aceita a insistência dos terraplanistas na prova sensorial em primeira mão. E o reforço social que os participantes pareciam sentir por poderem finalmente estar entre os seus era palpável. Há muito que os psicólogos sabem que existe na crença um aspeto social; a FEIC 2018 foi uma experiência laboratorial de argumentação de tribo.

A apresentação seguinte foi feita por uma das superestrelas da Terra Plana — Rob Skiba —, cuja palestra tinha sido publicitada como uma das principais apresentações «científicas». Eu mal podia esperar. No início, Skiba declarou que não tinha credenciais académicas... mas ele *usava* uma bata branca, o que lhe dava toda a credibilidade de que disse precisar. Depois começou uma palestra que incluía uma apresentação de dez *slides* sobre as «provas» a favor da Terra Plana (que consistiam maioritariamente em «provas» contra o globo terrestre). O pêndulo de Foucault? Uma fraude! Se fosse real, porque precisariam de um motor para manter o pêndulo em movimento? (A física diz fricção.) Fotos do espaço? Ele disse que eram todas ilustradas ou pintadas pela NASA (na era antes do Photoshop). Durante a conferência, fiquei também a saber que Skiba tinha uma teoria alternativa para a gravidade (não a conseguiria reproduzir aqui, nem que o tentasse), que ele pensava que a Terra Plana era suportada por pilares que tinham sido ali colocados por Deus (não disse em que se apoiavam esses pilares), e que não compreendia como podia a água aderir a uma «bola a girar». Experimentem fazer girar uma bola de praia e atirem-lhe um copo de água, para ver o que acontece! Oh, céus. O que ele acreditava era num vídeo que mostrou, de uma mulher idosa a empurrar um pedregulho de nove toneladas com uma mão. Se aquilo era possível, dizia, era porque eles já devem ter descoberto a antigravidade. E se isso era verdade, eles conseguiam também simular uma chegada à Lua num armazém.

Por esta altura já tinha a cabeça a andar à roda; nada daquilo fazia qualquer sentido. Mas depois ele passou para algo de que me recordava vagamente da física: o efeito Coriolis. Skiba queria saber por que razão quando se dispara uma bala para oeste se tem de fazer um ajuste, mas

não quando se dispara de norte para sul. Não iria o alegado movimento «lateral» da Terra entrar em jogo? E se não entrava, significaria isso que a Terra não estava a girar? Nada disto se coadunava com o que me recordava do efeito Coriolis (e confesso que não me lembrava suficientemente dos pormenores técnicos para saber onde esta descrição do fenómeno entrava em choque com a realidade), mas o que notei foi que Skiba não parecia realmente saber o que era um referencial inercial. Aparentemente julgava que se atirasse uma bola de baseball ao ar num comboio a andar a uma velocidade constante ela aterraria atrás dele e não na sua luva. Era isto que ele estava a dizer acerca da bala?

Continuava a matutar neste imbróglio (e a desejar lembrar-me mais de física) quando a palestra se desviou para algo de que me recordava muito claramente da Astronomia na faculdade. Skiba mostrou uma fotografia da linha de horizonte da cidade de Chicago tirada a noventa e cinco quilómetros, no lago Michigan.³¹ Isto prendeu-me a atenção porque me lembrei de uma aula que falara do fenómeno do casco, que é quando um navio desaparece no horizonte primeiramente pelo casco, devido à curvatura da Terra. Isto tinha sido no meu primeiro ano de faculdade, mas verifiquei os cálculos plasmados no ecrã e tinha razão: a noventa e cinco quilómetros, o topo da Torre Sears já devia ter desaparecido abaixo do horizonte. De facto, nem seria preciso ir tão longe... bastava afastarmo-nos setenta e dois quilómetros. Mas ali estava uma fotografia de toda a linha do horizonte de Chicago a cintilar supostamente a noventa e cinco quilómetros. Prova? Bom, num grupo de céuticos, alguma vez teria ocorrido a alguém que talvez a foto pudesse ser falsa? Tínhamos acabado de ouvir que todas as fotos da NASA eram falsas, por isso, porque não aquela?

Mais tarde, depois da apresentação, abordei Skiba numa das bancas de *merchandising* à venda no salão adjacente.³² Havia mapas e *T-shirts*, bonés e joalharia com figuras da Terra Plana. Comprei um CD de música da Terra Plana — que era surpreendentemente bem feita, e ficava no ouvido — e alguns autocolantes e um colar para a minha mulher. Ao princípio, Skiba devia ter pensado que eu era um fã, quando me aproximei e lhe disse que acabara de assistir à sua apresentação e tinha algumas perguntas.

Afinal, a foto não era uma falsificação. Era uma imagem real que

exigia uma explicação. Durante a sua apresentação, Skiba deixara de parte a verdadeira explicação científica para a fotografia, que tem que ver com algo chamado efeito de miragem superior. Isto ocorre quando existe um manto de ar frio (por exemplo, na superfície da água) mesmo abaixo de um manto de ar mais quente por cima. À medida que percorre estas camadas, a luz desvia-se, como que por uma lente, e um observador pode ver uma imagem a pairar no ar.³³ Não há nada de misterioso nisto. Quem já conduziu numa estrada quente e viu «poças» à superfície (que desaparecem quando nos aproximamos) testemunhou o efeito de miragem inferior, que ocorre quando a superfície do pavimento está *mais quente* do que o ar em cima. Neste caso, a imagem fica *abaixo* de onde esperaríamos que estivesse; com a miragem superior, a imagem parece *acima* da sua posição verdadeira. É uma ilusão, mas não é «falso». É uma imagem verdadeira que pode ser fotografada. Nas condições certas, é até possível fazer um vídeo das luzes a cintilar de uma cidade sobre a curvatura do horizonte da Terra. É um efeito muito interessante.

Quando falei a Skiba do efeito de miragem superior, ele rejeitou-o.

— Falei disso na minha palestra — respondeu. — É uma invenção.

— Não falou disso na sua conferência — disse-lhe. — Só disse que não acreditava nele.

— Pois, porque não acredito — replicou.

Falámos mais um pouco sobre a foto, e ele explicou que não ia simplesmente aceitar isto como prova. Ele próprio tinha ido ao lago Michigan e recriado o efeito a setenta e cinco quilómetros de distância. Disse que o tinha visto com os seus próprios olhos.

Por esta altura começara a juntar-se um grupo de admiradores para fazerem as suas próprias perguntas a Skiba, e o «cientista» começava a ficar agitado. Provavelmente já tinha percebido que eu não era um terraplanista, mas não podia agora interromper a discussão sem parecer diminuído na frente dos seus fãs.

Mas eu tinha outra pergunta.

— Então porque é que não se afastou até aos cento e sessenta quilómetros? — perguntei.

— O quê?

— Cento e sessenta quilómetros. Se se tivesse afastado a essa distância,

não só a cidade teria desaparecido como também a miragem superior. Se não desaparecesse, teria assim a sua prova.

Ele abanou a cabeça.

— Não conseguimos que o capitão do barco se afastasse tanto.

Agora era a minha vez de troçar.

— O quê? Devotou toda a sua vida a este trabalho e não foi lá? Tinha a experiência definitiva ao seu alcance e não conseguiu fazer mais uns oitenta e cinco quilómetros?

Ele virou a cara e começou a falar com outra pessoa qualquer.

Quando me recordo disso agora, talvez não o possa culpar. Eu estava demasiado acalorado. Demasiado conflituoso. É difícil manter a calma quando desafiam as nossas crenças. Talvez eu próprio fosse a prova disso.